

"CLUBE RECREATIVO OSWALDO CRUZ"

PÁGINA 2

Grupo teatral da medicina apresentou "MORTIS CAUSA"

PÁGINA 5



ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO OSWALDO CRUZ
NÚMERO 112 — NOVEMBRO DE 1964 — ANO 29

CONCÊNTO UNIVERSITÁRIO NA FMUSP

PÁGINA 6

ESTUDANTE E DEMOCRACIA

PÁGINA 3



SHOW MEDICINA - 64

Misto de risos e lágrimas

ÚLTIMA PÁGINA

Apesar de tôdas as tentativas que se fizeram no sentido de se impedir a aprovação do projeto que regulamenta as entidades estudantis, tal como foi formulado pelo sr. Ministro da Educação, foram os estudantes derrotados na votação do Congresso Nacional por 126 a 117 votos. Segundo relato dos representantes da União Estadual de Estudantes de São Paulo presentes em Brasília, foi nítida a pressão governamental através do sr. Suplicy de Lacerda que tudo fez para que a Comissão designada para examinar tal projeto se pronunciasse a seu favor, impedindo inclusive que estudantes e ex-dirigentes estudantis fossem ouvidos e manifestassem sua posição.

O sr. Suplicy, entretanto, deu verdadeiro "show" de cultura universitária ao afirmar, como foi amplamente divulgado que "Ministério da Educação é coisa de país subdesenvolvido" e que "os estudantes são do contra porque são jovens", justificando que é próprio quando jovem fôra positivista e que "suas filhas ao assistir televisão torcem pelo bandido" ..

Tais analogias e intenções do sr. Ministro demonstram muito bem o

conceito que tem dos estudantes quando nos ofende, confundindo-nos com arruaceiros ou corruptos, ignorando totalmente o sentido de nossa responsabilidade e de nossa atuação nos destinos da Nação.

Não podemos, absolutamente compreender que um Governo que se diz democrático e voltado para o povo imponha aos

Não se trata aqui de defender diretorias anteriores de entidades universitárias, mas sim de defender um patrimônio de lutas e de compromisso com as transformações sociais do país, o que jamais nos poderá ser negado ou extinto.

Sancionado o projeto, resta-nos duas posições: acatá-lo passivamente e aceitar a injustiça e a arbitrariedade que se praticam contra a classe universitária ou reagir, exigindo do governo a que promova um plebiscito para saber nossa opinião, antes do que, as entidades estudantis serão mantidas e seus estatutos não alterados.

O momento atual é para nós decisivo; a união em torno dos centros acadêmicos, diretórios centrais e uniões estaduais deve ser nossa preocupação constante, a fim de fortalecê-los e consolidá-los. O plebiscito deve ser uma exigência de todos e não apenas de dirigentes.

As injustiças e as violências não nos calarão, assim como jamais conseguiram calar a voz daqueles que acreditam na responsabilidade social de sua geração e na plenitude de seus direitos legitimamente conquistados.

PLEBISCITO PARA O PROJETO SUPLICY

universitários tal lei que fere nossa autonomia, extingue toda a coordenação universitária em âmbito nacional e ainda propicia a criação do "peleguismo" estudantil quando pretende a convocação das reuniões do assim chamado "Diretório Nacional de Estudantes" pelo Ministro da Educação, se este achar conveniente e, logicamente, se concordar com o que fôr discutido.

LIBERDADE PARA AS ENTIDADES ESTUDANTIS

EDITORIAL

Dentre os últimos acontecimentos ocorridos na vida da Faculdade e do CAOC, gostaríamos de comentar aquele relacionado com a solidariedade dos alunos à Diretoria do CAOC.

Sem a menor dúvida, os alunos deram mostra do alto grau de responsabilidade que emprestam a seus atos. Quando a Diretoria do CAOC foi punida pela direção da Faculdade por atos que não eram da sua responsabilidade, os alunos em Assembléia Geral se levantam e se consideram suspensos, pois a eles todos é que cabia a responsabilidade atribuída à Diretoria do Centro. Medida tomada após sérias tentativas de conseguir a suspensão da pena, através de conversações com a direção da Faculdade.

Outra atitude não nos cabia naquele momento. Era a defesa do mais alto instrumento de decisão do Centro Acadêmico: a Assembléia Geral. Este instrumento é sagrado para os alunos. Uma vez tomada uma decisão em Assembléia, só outra Assembléia terá direito de revogar sua decisão. Ora, se se atribuir à Diretoria do Centro a responsabilidade das decisões da Assembléia, para que Assembléia? A Diretoria, ela mesma poderia fazer e desfazer atos, sem a mínima satisfação aos alunos pois ela é que seria a única responsável por isso.

Parabens aos membros do CAOC por aquela decisão. Com todos os sacrifícios inerentes a um ato de ausência às aulas, tivemos a coragem de aguentá-lo, satisfeitos por não estarmos traindo nossas consciências e a comunidade em que vivemos.

O CAOC é algo de muito importante em nossa vida. É um pedaço de nós. O CAOC pertence a todos os alunos da FMUSP. E esta posse exige que o defendamos quando pretendem desprestigiar os seus órgãos deliberativos. A força de nossas justas e nobres reivindicações está na nossa união...

CENTRO DE DEBATES

KENJI NAKIRI

O Centro de Debates foi estruturado por uma necessidade. A necessidade de desenvolver uma mentalidade crítica ante os problemas que afligem a nossa sociedade a necessidade de evoluir o nosso espírito para a grande esperança que representa o nosso futuro.

E o Centro de Debates em sua atividade vem adquirindo uma experiência que o conduz seguramente à maturidade necessária ao seu trabalho.

O Centro de Debates não é um órgão de propagação ideológica, qualquer que seja ela; mas é orientado pela luz da liberdade e do direito de existência que possui

qualquer doutrina, não reconhecendo nada que a suprima, a não ser as forças da razão. Por consequência, num ambiente de serenidade com que se preocupa o Centro de Debates, nada é impróprio para ser dito, desde que seja em busca da verdade.

Somos universitários, e esta condição, dentro de nossa sociedade, é um privilégio, não o privilégio a ser gozado em satisfação pessoal, pois que é o privilégio que traz pesadas responsabilidades. A nossa formação tem que se processar em torno desse dever para com a coletividade. Ao espírito demagógico, é fácil falar em termos de

obrigações sociais, mas o preparo para desempenhar satisfatoriamente essas mesmas obrigações, e o seu próprio desempenho, trazem renúncias às quais não sucumbem só os magnânimos.

Para que a nossa formação seja autêntica, em função das necessidades do grupo social a que pertencemos, é preciso que por parte de nós e daqueles que por competência e responsabilidade, podem colaborar conosco, haja a preocupação de fortalecer o nosso espírito, para não sermos barrados pelas peias do conservadorismo conformista, de inculcar-nos coragem de admitir idéias que avancem contra nossas convicções e nos tornem honestos suficientemente para reconhecer os próprios tropeços.

Só essa formação de-

mocrática pode sufocar as paixões e submeter ao crivo do racionalismo, não do frio racionalismo, mas do racionalismo que reconhece a emoção pura, as tremendas contradições de nossa estrutura social.

O melhor processo para levantar em nosso meio os problemas maiores da sociedade brasileira, e a melhor conduta para abordá-los, é ainda o debate. É uma prática que nos conduzirá necessariamente à maturidade, ao equilíbrio, e nos motivará ao maior estudo de nossa realidade social.

Se o Centro de Debates conseguir, ao menos, suscitar a curiosidade para os vitais interesses da sociedade e despertar o espírito de coletividade, terá dado, sem dúvida, um passo no seu caminho de mil léguas.

C R O C

C. A. PEREIRA

A partir de 1.º de abril o Centro Acadêmico Osvaldo Cruz tem passado por momentos críticos, tendo sido abalada sua própria condição de entidade representativa dos alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Tomemos como referência dois aspectos. Um deles, relaciona-se a pressões externas sobre o CAOC, tanto por ação violenta, como por medidas punitivas de natureza administrativa. O outro, é o caso de colegas que desprezaram uma decisão tomada por maioria em Assembléia Geral, atitude individualista que, se generalizada, comprometeria a própria sobrevivência do CAOC.

Logo que se teve notícia do levante militar para depor o presidente constitucionalmente eleito, o CAOC tomou posição a favor da legalidade democrática, decretando greve em Assembléia Geral. Um dia depois tivemos que concordar em sair de greve, sob a ameaça de fechamento da Faculdade e intervenção no Centro Acadêmico.

Outros acontecimentos, decorrentes do movimento de abril, obrigaram o CAOC a adotar novas posições. Alguns professores, de nossa e outras faculdades, foram presos, sob aparato bélico em alguns casos, como se fossem terríveis bandidos. Nossa opinião, sobre arbitrariedades cometidas, se fez presente através de manifesto da Congregação de Alunos. Intimamente cada um de nós se solidarizou com esses mestres, que saíram engrandecidos e não manchados da afronta que sofreram. Esse sentimento se estendia a todos nossos compatriotas injustamente perseguidos.

Já com o espírito prevenido sobre as intenções de pseudo-revolucionários vimos cair-lhes a máscara, quando diversos docentes da FMUSP foram demitidos, sumariamente, por decreto governamental, baseado no art. 7.º do Ato Institucional. Como foi amplamente divulgado, os próprios militares, responsáveis pelo IPM em nossa escola, nada haviam apurado contra esses professores. Por ou-

tro lado, nós alunos demos nosso testemunho do comportamento correto desses elementos, e sua dedicação à atividade que sempre exerceram no ensino. Ficou claro que as punições não passavam de mesquinhas perseguições pessoais, ainda mais revoltantes que as de caráter ideológico.

Convocada Assembléia Geral, decidimos decretar greve de um dia, em protesto contra a injustiça cometida. Ficamos em Assembléia Permanente e foi constituída uma Comissão para orientar a luta em defesa dos mestres demitidos.

Alegando ser o nosso movimento desrespeitoso às autoridades universitárias, o diretor da Faculdade decidiu suspender por uma semana a diretoria do CAOC, que seria responsável pela agitação.

Nova Assembléia Geral e resolvemos nos considerar suspensos juntamente com a diretoria. Era absurda a punição de alguns colegas por decisões tomadas coletivamente.

Aqui é que ocorreu um fato que considero importante: alguns colegas, fe-

(Continua na pág. 6)

"O BISTURI"

Órgão oficial do Centro Acadêmico "Osvaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da USP

REDAÇÃO:

Av. Dr. Arnaldo, 1
Tel. 5-0281 — S. Paulo

DIRETOR

Primo A. Brandimiller

EQUIPE DE REDAÇÃO:

Pedro Luiz Tuil
Carlos A. Pereira
Paulo A. Leme
Rubens Bergel
Carlos Cesena
Alvaro Duarte Cardoso
Cheng Faun Yue
Maria Zelia
Vicente A. de Araujo
Pedro Paulo Chieffi
Rubens F. Vasconcelos
Fausto H. Hironaka,
Eunofre Marques
Rui Toledo Barros

A direção não se responsabiliza por artigos assinados.

DEFENDAMOS A AUTONOMIA DA UNIVERSIDADE

De Estudante e de Democracia

FAUSTO CARNEIRO

Democracia é o regime, onde o governo se faz com o povo, pelo povo e para o povo. Nele, o povo participa do governo, elegendo os cidadãos que vão ser os responsáveis diretos pela execução das medidas que correspondem aos anseios populares. Um governo, é tanto mais democrático, quanto mais dêle participa o povo. É o governo de imposição. O povo impõe e os governantes executam. Para que isso se dê, parcelas de população, que tem mais ou menos as mesmas funções, e mentalidades, reúnem-se em classes, o que possibilita dar mais força à expressão das idéias de cada um, que delas participa. Evidentemente aos governantes cabe ainda filtrar dentre as imposições populares, aquelas que realmente irão trazer benefícios para a sociedade.

O que se observa em geral, é que as classes participam do governo, apenas em duas situações: nas eleições, e quando protestam por uma injustiça contra elas cometida. As classes são pois, egoístas em suas manifestações. A parte mais construtiva de participação do povo no governo é, menos aquela em que ele se faz presente nas eleições, e mais aquela em que ele se manifesta dia a dia, diante de cada fato, quando consubstancia as posições dos que se elegeram pelo povo. A tranquilidade das classes é manifestação cabal de que o governo está se re-

gendo pelos anseios populares. O povo é tanto mais tranquilo, quanto menos se preocupam com o dia de amanhã. Ou melhor ainda, quanto mais se preocupa apenas com seu trabalho.

No Brasil, existem quatro grupos de classes mais importantes para objeto desta análise: o grupo das classes operárias, o das classes intelectuais, o das que negociam com o lucro e o das classes dos políticos, que lamentavelmente se dispuseram em classes.

As classes operárias são as responsáveis diretas pela execução dos fatores de progresso. São contudo as que mais dependem dos outros três grupos e as que menos podem entender dos processos de evolução. Mais de 90% dos operários são analfabetos. São os que geralmente apenas protestam por injustiças contra eles cometidas. São os que mais sofrem pela irresponsabilidade das outras classes.

Os grupos dos que comerciam com o lucro e dos políticos estão intimamente interligados e comprometidos. Há sem dúvida exceções. Os primeiros, donos dos monopólios, das grandes fontes de renda, angariam para si maiores lucros. Têm dinheiro. E com dinheiro compram concessões daqueles que lhes podem dar. Dinheiro é poder. Compram com dinheiro aos que querem mais poder, aos políticos e responsáveis pela máquina econômica. Temos

pois, de um lado comerciantes de lucros reivindicando maiores lucros, e de outro, políticos reivindicando mais poderes, numa simbiose, num amplo jogo de concessões. Este é o fato que reputo de maior importância para corromper as bases de um regime democrático. O lucro bem regulamentado e bem aplicado é ponderável fator de progresso. Caberia aos políticos a função de ordenar as forças sociais que conduziriam ao bem comum.

O grupo das classes intelectuais tem por finalidade criar e orientar os fatores condicionantes da evolução social. Para esse fim, a sociedade dá aos intelectuais meios para que ajam dentro da função que a mesma sociedade deles reclama. O

intelectual raciocina e cria. Raciocina e vê. Cabe a ele como povo, participar do governo, na democracia. Ele participa, dando aos governantes aquilo que cria, para que eles, façam daquilo patrimônio do bem comum. Dizendo aos governantes aquilo que vê, para que, com os olhos da razão, eles possam colocar a razão a favor do bem comum. A responsabilidade do intelectual é pois, na democracia, tremendamente grande. Calar a sua voz é mandar a democracia aos vermes. E a tirania dos que tem dinheiro e poder. Tirania não é democracia.

Estudante é povo. Como povo, tem por responsabilidade no regime democrático, participar do governo. Como intelectual, participa criando

e vendo. Quando ele vê, e pode estar tranquilo o povo ganha, porque ele se dedica mais à sua função criadora. Quando ele vê e se intranquiliza tem que, além de criar, dizer o que vê. A atividade criadora é prejudicada, e com isso, o povo também. Contudo ele dá aquilo que vê e o intranquiliza, aos governantes, para que eles possam ter elementos para restabelecer o panorama observado pelo estudante. E com isso o povo ganha. Alijar o estudante de sua função de governar, ou qualquer outra classe, é trocar a democracia pela tirania.

Assim penso da democracia. Assim vejo nossa democracia.

Espero críticas. De fundamentos que derrubem fundamentos.

DR. OSCAR CÉSAR LEITE
CLÍNICA CIRÚRGICA
Rua Araujo, 165 — 1.º Andar — Fone: 36-3398

DR. SERGIO RYUSO DOHI
MOLÉSTIAS DO APARELHO DIGESTIVO
(CLÍNICA E CIRURGIA)
Rua da Glória, 332 - 12.º S/ 126 - Fone: 33-1297
Das 16 às 19 horas.

LABORATÓRIO ERREBÊ DE ANÁLISE CLÍNICAS
Avenida Santo Amaro, 205 — Sobre-loja
Fone: 80-4333

INSTITUTO DE GASTROENTEROLOGIA DE SÃO PAULO
CLÍNICA DE DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO, DA NUTRIÇÃO E ANO-RETAIS
DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO
LABORATÓRIO • RADIOLOGIA E ENDOSCOPIAS
Internação diagnóstica para revisão de saúde (check-up), e para preparo de exames radiológicos e laboratoriais.
Confortáveis apartamentos com dietética especializada.
RUA SILVIA, 276 — (Entre Itapeva e Pamplona)
FONES: 34-4048 — 35-7499 e 37-8497 — São Paulo

Paralon
ANALGÉSICO + RELAXANTE MUSCULAR
QUANDO SE DESEJAR TAMBÉM A
AÇÃO ANTIFLOGÍSTICA:
Paralon
COM DEXAMETASONA
Johnson & Johnson
DIVISÃO FARMACÊUTICA

UM PROBLEMA ATUAL:

Reforma do ensino médico

LUIZ CARLOS MARTINS

Pronunciamentos os mais diversos sobre a situação universitária se fazem ouvir nestes inquietos meandros de novembro.

Aguarda-se para estes dias próximos a sanção presidencial que extinguirá a União Nacional dos Estudantes, e reformulará de maneira radical a atuação do universitário brasileiro na vida pública da Nação.

Não procuraremos aqui fazer apologia, nem tecer críticas ou mesmo comentários às prováveis consequências e repercussões que a política seguida pelo Ministro Suplicy de Lacerda e ratificada pelo Presidente da República, irão suscitar. A nós, basta-nos simplesmente antever um provável forçado recesso político-partidário a que todos estaremos obrigados a aceitar pelo menos enquanto nossas justas reivindicações não forem atendidas.

Tal limitação das nossas atividades no âmbito externo, se por um lado, possa ser encarada negativamente, trará, por outro lado, este sem dúvida positivo, a possibilidade de nos voltarmos mais atentamente para os problemas internos da Faculdade, que não são poucos.

Dentre esses, o que se nos afigura de maior vulto, é indubitavelmente o da REFORMA DO ENSINO MÉDICO,

Quando dizemos reforma, sempre pensamos que talvez fôsse melhor dizer reformulação, palavra bem menos "subversiva" e de caráter bem menos radical. Não o fazemos, movidos apenas pelo fato de que se por uns poucos aspectos esta reforma seria uma branda reformulação, por outros bem mais numerosos, seria uma ampla e dura reforma.

Outra coisa que precisa ser dita é que se escrevemos este artigo num momento adverso não o fazemos para prestar qualquer deserviço à nossa Escola e menos ainda para criar celeuma ou agitação, mas porque fazê-lo, era para nós IMPERIOSO, PREMENTE E NECESSÁRIO.

Quando menos, estas linhas poderão ter um efeito despertativo sobre nossos colegas componentes da COMISSÃO criada para estudar modificações exigidas pelo nosso atual currículo médico.

Quando muito, poderão repercutir favoravelmente junto aos nossos professores, trazendo-os para um diálogo útil e sadio; outro não é o nosso desejo e o escopo destas poucas linhas.

Sim, porque com raras exceções, tal diálogo não é observado, fazendo com que professores e alunos se alieiem mutuamente, trazendo isto uma falsa conceituação para ambas

as partes. Juntos, muitos problemas seriam solucionados, separados, novos problemas serão criados em detrimento de toda a Faculdade. Este fato nos é extremamente penoso.

Mais penoso ainda se torna, quando observamos, não bastasse já o ignorante mútuo que se interpõem, alguns professores e alunos, uma omissão dentro dos próprios grupos, docente e discente.

Acima é que, apesar de estar constituída a Comissão de reforma acima citada, pouco ou nada fez, e se algo foi feito não houve preocupação de divulgar, por modéstia ou exclusivismo. Nem sequer houve por parte desta comissão, a generosidade de uma ordem de colaboração face ao pro-

blema, ordem esta que deveria ser dada a todos desde o primeiro ao sexto anos. É-nos lógico que, quanto maior a envergadura de um problema, tanto maior deva ser o esforço concentrado para a sua solução, e quanto maior o número de colegas interessados por ele, tanto mais próximo estará a sua resolução, pois ainda aqui, a união representa força. No nosso entender, uma das mais importantes funções desta comissão seria arrebanhar companheiros de trabalho, tanto entre os alunos, como entre os professores, especialmente entre estes. E isto não foi feito.

Dentre os professores, muitos são aqueles que poderiam trazer inestimável ajuda, pela experiência que possuem no campo do ensino médico,

como é o caso de um docente-livre de nossa Clínica Cirúrgica, requisitado por conceituada fundação internacional para estudar o assunto em questão, e do qual evitamos declinar o nome por sabê-lo inimigo de promoções, que nunca foi oficialmente convidado a emitir sequer um simples parecer.

Tenham certeza, todos os que lerem esse apêlo, que enquanto persistir esta situação, continuaremos a ter, sob múltiplas facetas, um ensino anacrônico e estático, em completa desarmonia com os atuais canones preconizados por centros de ensino médico de nível superior ao nosso, trazendo-nos uma desatualização constante, e progressiva inferiorização em relação a esses centros.



Contrôle de qualidade é importante?



Rigoroso controle de qualidade garante pureza, estabilidade e padrão de atividade para todos os produtos da Laborterapica-Bristol S.A.

Nos laboratórios de controle de qualidade de nossa Empresa trabalham 106 funcionários especializados, fazendo anualmente cerca de 56.000 ensaios químicos, farmacológicos, físicos e biológicos. Para cada 34 funcionários trabalhando em produção farmacêutica, existem 10 funcionários que se dedicam a controle de qualidade.

STAFICILIN-N — Cada partida é submetida a 80 testes de controle e provas de qualidade, que vão desde as matérias-primas até o produto acabado.

TETREX TETRIN UROPOL STAFICILIN N

POESIA

MARIA ZÉLIA

hoje é tempo de silêncio,
que lembra nas coisas perdidas,
a felicidade.
tempo de saudade, compondo sonhos
onde a ternura não brotou...
teus olhos vêem o mundo
com cores de ausência,
e, os ombros carregam o peso
de mil esperanças perdidas...
hoje é tempo de silêncio
e, ele custa apenas
alguns instantes de recolhimento,
sem paz,
sem crenças,
sem deus...
é tempo de estar só.
hoje é tempo de silêncio...
guarda a paz que não morreu
lembra nas coisas perdidas...
a felicidade...

MORTIS CAUSA

RUBENS BERGEL

Artisticamente, este fim de outubro e início de novembro têm sido de uma densidade impar. O Show Medicina, o espetáculo do Grupo Teatral Medicina e o Concerto compuseram uma triade — que infelizmente se destaca contra um quase alvo pano de fundo dum ano todo.

Feliz foi a realização deste primeiro concerto. Esperemos apenas que se repita, e que mais colegas nele se apresentem.

Quanto ao Show, apesar de ter explorado em excesso alguns lugares comuns, mostrou-se enquadrado em todo um pensamento estudantil, ligado a um momento na Universidade.

Assim não foi com o Teatro, o que porém não lhe anula o valor. Não o

anula porque os méritos de uma obra de arte não se avaliam apenas segundo o critério de seu engajamento na realidade contemporânea. Aliás, as grandes obras persistem enquanto e apesar do decorrer das décadas. A esse respeito, queremos lembrar a inegável validade dum outra modalidade de arte: aquela que ignora a nossa realidade — a verdadeira — para criar uma outra, mesmo que inverídica que mais nos agrade. Sómente que a nova realidade tem de ser íntegra, de envolver-nos, de fazer-nos nela crer ao menos momentaneamente: na proporção do êxito nesta tarefa, estará o valor da obra. Se bem que sob este aspecto MORTIS CAUSA não tenha se dis-

tinguido (não chegou a convencer), as gostosas gargalhadas arrancadas à platéia, pela nossa equipe do GTM são bem uma evidência de seu sucesso. E mais do que isto, demonstrou o pleno êxito dos artistas. E aí mais um aspecto importante na realização de uma peça teatral: este que depende unicamente do grupo de artistas, o da interpretação. O julgamento desta ficou imediatamente prejudicado pelo fato de serem os atores (Benjamim, Clara, Carlos Alberto, Colli, Diana, Eunofre, Fernando, Léa, Marisa, Mileni) colegas nossos, tão chegados a nós: não aceitamos pronto que eles se achem em condições tão diferentes, com atitudes completamente discordantes das habituais. Daí uma barreira adicional a ser vencida e um motivo a mais para nossas congratulações quando o tenha sido — e foi.

O grande mérito aí está: por mais um ano o GTM desincumbiu-se de sua função, garantindo sua sobrevivência.

Se o contexto da peça de A. C. Carvalho não satisfizesse, uma meta para o próximo ano aí está... Uma oportunidade para quem queira fazer teatro; experimentemos; seria interessante encenarmos nós uma peça nossa, não?

Ao terminarmos queremos agradecer aos componentes do GTM terem cedido tantas de suas noites em prol de uma só para nós.

Congratulações

MARCO ANTÔNIO

Sim, a epígrafe deste contexto, é de felicitações.

Após ter assistido à "Mortis Causa" de A. C. Carvalho, não poderia passar despercebida alguma observação.

É com verdadeira emoção e só acompanhado dela, que cumprimento a todos os participantes, quer os atores e atrizes, quer o pessoal da técnica.

São os parabéns, que partem não só de mim, como expressam sem dúvida alguma, o real sentimento de todos aqueles que comigo presenciaram o espetáculo.

Observei, ao final da peça, dupla alegria, oriunda de uma platéia que se divertiu a valer, e outra do elenco, por ter feito uma grande realização.

Realização concreta... fato tão árduo, atualmente, de se obter; acrescido no caso, às dificuldades provindas da condição de estudantes de Medicina.

Dificuldades houve, e bem grandes até, quanto a isto não há discordância; mas ao invés de serem desencorajadoras,

tornaram-se fatores de estímulo para a vitória.

Bem-aventurados aqueles que transmitem a alegria, pois diz o filósofo: "Alegrai-vos e tereis um espírito preparado para os embates da vida..."

Sendo o teatro, uma forma de comunicação ao público das mais complexas de concretização, deverá contar como conto, de elementos afins, dedicados e cômicos de seus deveres em prol de outrem.

O Grupo Teatral Medicina, sendo algo que estará sempre se renovando, transformar-se-á, em breve, em mais uma, dentre tantas outras das grandes tradições de nossa escola. Este fato, tem como pioneiros, sem dúvida, os elementos atuais do Grupo.

Finalizo, desejando, que todos os sorrisos e todos os momentos de prazer pelo Grupo proporcionados, transformem-se em gotas de felicidade e de alegria perpétuas; espargidas sobre amplo oceano de suas mentes jovens e alegres.



Cibernética e Psicologia Médica

MARIA ZÉLIA

Em alguns campos da psicologia, na psicologia médica por exemplo, há necessidade de se estabelecer como premissa uma teoria sobre o "status" filosófico da mente para se poder lançar os alicerces futuros de uma terapêutica.

Supõe-se frequentemente em psicologia médica que transtornos mentais (alguns) devam-se a causas físicas e outros a causas psicológicas. Analogamente transtornos físicos devam-se a causas físicas e outras vezes a causas psicológicas. Quando falamos da etiologia de uma enfermidade, ressaltando uma provável causa física ou causa psicológica pressupomos o dualismo clássico de uma existência mental e uma física. Não há dúvida que se aceita neste dualismo a interação psicológica.

Pode parecer a primeira vista que a origem dual da enfermidade está de acordo com o que se observa cotidianamente. A doença mental pode ter como

causa uma lesão cerebral como pode ter uma causa psicológica.

Como base para tratamento talvez seja admissível tal divisão, entretanto todo acontecimento mental psicológico tem concomitante fisiológico.

Quando pensamos, ideamos, alguma coisa ocorre no sistema nervoso.

A analogia entre o sistema nervoso e os mecanismos modernos de cálculo sugeriram algumas novas idéias quanto às prováveis causas dos transtornos mentais.

Mc Culloch (numa citação de Wladyslaw Sluckin) afirma que "a neuropsicose deve-se provavelmente a lesões estruturais sofridas pelo cérebro, os estados clínicos conhecidos como psicose funcionais devem-se a tensões inadequadas entre as células nervosas, as quais funcionam como regiões ou pontos eletromagnéticos acionados por baterias locais quando ocorrem circuitos de realimentação positivos ou regenerativos e não ne-

gativos com seria o normal, sobreviria a neuropsicose".

Em cibernética existe uma tese central em que os mecanismos de realimentação negativa estão entrosados no trabalho do sistema nervoso.

Ao dizer que quando um homem pensa põe em atividade dirigindo-se para uma meta controlado em toda a extensão do sistema nervoso por mecanismos de realimentação ultrapassa-se a teoria cibernética. A analogia entre a máquina que resolve problemas e os seres humanos resolvendo os mesmos problemas serve de exemplo para o que o homem faz ao se auto-descrever pensando.

Semelhanças existem entre máquinas e cérebros humanos — ambos como sistemas mecânicos auto-regulados.

Tudo isto suporta agora em uma reformulação de doutrina antiga de metafísica tradicional para uma espécie de materialismo científico. (Continua no próximo número.)

Sedavier
Sedavier
Sedavier
Sedavier
Sedavier

Tranquilizante
Relaxante muscular
Meprobamato

Adulto 400 mg p/ comprimido
Infantil 100 mg p/ comprimido

Prociénx
Instituto Farmacêutico de Produtos Científicos Xavier João Gomes Xavier & Cia. Ltda.

OSMAR ARAUJO

A Igreja lança-se ao reencontro do mundo com o Evangelho, numa visão sem hipocrisia, loucura ou temeridade. Parte com todo amor à verdade, inerente ao cristão, ela busca tornar o homem melhor dotado para felicidade terrena e ao do céu para o após a morte. Revê a sua história como organização de homens — não de anjos — detendo-se sobre: o anti-semitismo que ajudou a fermentar (Forster — A questão judaica. — 1960); o Index — fossa desacreditado e cemitério da vida intelectual dos católicos. Sua própria história lhe ensina, não basta converter Constantino — o imperador — este só veio quando o homem do povo deixou os ídolos e se converteu a Cristo. Não será um certo catolicismo ligado a interesses “uma escola de hipocrisia, de espírito de casta, de domínio e de desprezo efetivo as aspirações populares”, que tirará aos ídolos modernos o homem de hoje. “A fraqueza da Igreja romana consiste na ambiguidade, na hipocrisia, na falta de sinceridade e de autenticidade. A força, a juventude e o futuro da Igreja, consistem na sua veracidade e na sua fidelidade à mensagem do Evangelho correndo todos os riscos e enfrentando todos os interesses, pressões e incompreensões” Estas palavras puderam ser ouvidas e intensamente aplaudidas no Concílio Vaticano II, foram ditas pelo teólogo alemão Hans Kung. É necessário lembrar que o calor dos aplausos, veio de uma assembleia onde o costume é a prudência.

A mim parece lamentável os jornais e revistas em sua maioria, estamparem manchetes dizendo o Concílio ter condenado ou advertido ou ainda lembrado o comunismo. Procura-se montar uma farsa, a caridade, talvez, não me permita afirmar isto, porém posso dizer que os que assim agem parecem perguntar ainda hoje, o que faremos a César — paga-

mos o tributo? Os homens do Concílio tendo em mãos a tradição judaico-cristã — penetram na complexidade, nas tradições, na realidade do viver humano e dizem o que é de Deus. Esta é a missão, é o essencial, contudo, temo que para esta imprensa, isto não seja o essencial mas sim os seus próprios interesses.

Do seu exame de consciência, a Igreja viu que não basta pregar o amor conjugal, há inúmeros problemas a resolver. Dentre eles pede aos homens de ciência que resolvam o problema do controle da natalidade sem ferir a natureza humana. Dá mostra então da sua sabedoria, não específica o credo ou ideologia dos cientistas aos quais conclama, pede apenas que inscrevam mais um bem ao patrimônio comum da humanidade. Galileu foi condenado mas o erro rende seus frutos naqueles aos quais Cristo é a meta e o amor o meio. Da Igreja do Silêncio e dos que vivem sob o nazismo, não abre uma guerra, mas recolhe os frutos do sofrimento: protesta contra a perseguição aos judeus, condena o racismo, pede liberdade não somente para si mas a todos os homens. A Inquisição suscita condenações, porém, o Concílio de hoje concita a tolerância, à paz, e ao diálogo entre todos sem exceção. Da Igreja de todo o mundo, o Concílio recolhe o pedido de justiça social e de denúncia dos domínios econômicos e hipocrisias sociais. E' a procura de realização de sua missão histórica levar aos homens a Verdade, o Amor, a Luz, o Caminho, a Vida, o Cristo. Pelo que se faz no Concílio, se torna digno de ser conhecido, e pelo trabalho realizado ele transcende aos católicos e ao mundo de hoje; pois pelo seu espírito — o de João XXIII — é encontrado eco em todos aqueles que se preocupam consigo mesmo e têm tarefas para com os homens.

Concerto Universitário na Faculdade de Medicina

ALBERTO DA SILVA JUNIOR

Quanto ao espetáculo musical de sete de novembro, só podemos dispensar elogios. Baseado numa feliz iniciativa do colega Tubaldini, contou com a presença de alunos, familiares e amigos, todos interessados neste tipo de apresentação, que

sentação em 'shows', um bater de caixa de foforos nas dependências do Centro, tudo reflete um inerente desejo de desenvolver-la; porque então estas poucas, ou quase nenhuma apresentação musical durante o ano? E comprovado o poder da

tuosismo, desde Vivaldi, dos primórdios da polifonia, até Villa-Lobos e De Falla dos tempos atuais, o programa incluiu obras de autores característicos do período clássico, romântico e modernista. E' interessante observar a gradação apresentada, pois indica uma ponderação na organização do programa por parte do colega Tubaldini.

Parabéns, portanto, aos colegas Mina e Sonia e aos colegas Plínio, Miranda Souza Lima, Luigi, Hans e Warde pelo esforço empregado, e nossos agradecimentos aos pais e amigos de alunos que estimularam e honraram com sua presença e aplausos este tipo de espetáculo, infelizmente pouco frequente entre nós.

Finalizando só podemos pedir a estes mesmos e aos outros colegas entendidos no assunto, que organizem novas apresentações; e não só obras de caráter acadêmico como também de composições próprias, o que será de valor incalculável, pois como dizia Franz Liszt: “Mais preciosa na Música que a interpretação, é a produção”.



Os conjuntos instrumentais foram a surpresa.

justamente por esse interesse manifesto, deve ser repetida muito mais vezes.

A música sempre foi um fator de caráter agradável em meio aos afazeres cotidianos, especialmente no que tange aos nossos: a frequência a discoteca, a apre-

música na formação da personalidade, por que não aproveitá-lo?

Neste sábado de novembro, portanto, tivemos um grupo de colegas nossos que gentilmente nos ofereceram seu esforço, principalmente no teor do repertório apresentado, constituído totalmente por peças de vir-

CROC

(Cont. da pág. 2)

lizmente muito poucos, desrespeitaram a decisão da Assembleia Geral dos alunos, apesar da repulsa que essa atitude causou, mesmo perante seus colegas mais chegados.

Por certo acreditaram estar simplesmente negando um apoio a elementos dos quais discordam, e que eventualmente estavam ocupando a diretoria do Centro. Na realidade, entretanto, desrespeitaram o CAOC, entidade à qual eles próprios pertencem, pois a

Assembleia Geral é o órgão máximo do CAOC, estando suas decisões acima da Congregação de Alunos, que por sua vez é superior à Diretoria do Centro Acadêmico: é o que consta dos estatutos do CAOC.

E não é só por desrespeito aos estatutos que todos nós devemos acatar as decisões tomadas por maioria. Um pouco de lógica e bom senso também nos levaria a isso.

Senão vejamos: se cada colega tomasse atitude pessoal contrária às decisões da maioria da qual discordasse, não precisaríamos nos reunir para deliberar sobre qualquer assunto. Cada um que seguisse seu ponto de vista isoladamente.

Não haveria eleições para o Centro. Cada colega teria um centrinho acadêmico para si, ou seja, não existiria Centro Acadêmico. Teríamos um ajuntamento de indivíduos sem ideal, amorfo, sem objetivos, estupidificado. Essa barbaridade evidencia-se por si mesma.

Porém, se a maioria dos colegas for contrária à unidade de ação, e optar pelo comportamento personalista eu acatarei a decisão da maioria. Uma sugestão para o nome desse ajuntamento, que estaria bem de acordo com o atual Ministro da Educação: Clube Recreativo Oswaldo Cruz, ou então, CROC.

cultural

A MÚSICA NO TEMPO

ALBERTO DA SILVA JÚNIOR

Todo seccionamento da criação humana é arbitrário, usando uma expressão de Mário de Andrade; e, tratando-se da Música, esta arbitrariedade é devida ao grande número de aspectos, segundo os quais podemos encarar o assunto. Propomo-nos, então, a sintetizar o desenvolvimento da música no cenário histórico universal, tomando como critério a obra individual de autores, os mais característicos e de personalidade musical suficientemente marcante para definir um estilo.

Poderíamos usar como critério, o desenvolvimento da forma musical e não do estilo, porém, isto tornar-se-ia por demais técnico e enfadonho. Procuraremos, todavia, encaixar as diversas formas musicais, conforme o período em que apareceram.

Assim, dividiremos a criação musical até nossos dias, em períodos cronológicos. Arbitrariamente, e com intenções de síntese seccionaremos tal criação em quatro períodos de amplitudes elásticas:

1.º — *Período antigo*: desde os dramas gregos até o século XVIII.

2.º — *Período clássico*: século XVIII até o início do século XIX.

3.º — *Período romântico*: maior parte do século XIX.

4.º — *Período moderno*: meados do século XIX e século XX.

NESTE NÚMERO
APRESENTAMOS O
PRIMEIRO PERÍODO.

PERÍODO ANTIGO

Como toda a arte, a Música tem o estudo de suas primeiras manifestações, baseado nos conhecimentos históricos e portanto, de segurança duvidosa. Assim, a primeira manifestação musical importante de que temos notícia aparece nos dramas gregos, pois, como se sabe, tais dramas apresentavam os côros que

eram como que apresentadores da situação psicológica dos personagens, etc.

As notícias que possuímos, começam a aparecer no século IX e numa conexão íntima com o Cristianismo, conexão esta que perdurará por oito ou nove séculos: é o Canto Gregoriano. Introduzido pelo Papa Gregório Magno apresentava-se sem instrumentação, somente vozes e sem combinações de várias melodias. Em geral, era uma só melodia cantada por todas as vozes: não havia então, *polifonia*, isto é, várias vozes, cada uma cantando um tema.

O século IX dá início ao sub-período denominado; "período da Missa"; a música erudita era exclusividade da Igreja.

No século XIII, a Igreja, com base em experiências populares, dá início à Polifonia (que já foi definida acima). As formas musicais que surgiram neste período foram: o Motete e o Rondó. O Motete é a forma musical cantada a três vozes, cada uma cantada com palavras e ritmos diferentes. No Rondó, o mesmo tema é sempre repetido, porém, uma voz de cada vez.

A polifonia católica vai adquirindo caráter cada vez mais popular até que no século XVI, no Concílio de Trento, a música foi banida do cerimonial religioso; porém tal medida não foi adotada, pois com o advento de Palestrina, o caráter religioso foi salvaguardado.

Palestrina é o grande polifonista deste período.

Independentemente da Igreja, a música popular vai sendo enriquecida pelos menestres, bardos e trovadores e, no próprio século XVI, tem início o sub-período seguinte: "*período da Canção*"

Surge, então, a melodia acompanhada por instrumentos; tem origem o drama cantado ou

melodrama, cujas bases foram lançadas por Monteverdi.

A Itália é o local de domínio do período da canção; é o local onde Monteverdi profetiza e abre caminho à obra de Bach, que só aparecerá no século XVIII.

No mesmo século XVI, simultaneamente ao movimento musical católico e profano da Itália, surge uma nova escola na Alemanha, a escola protestante, iniciado por Lutero, que como reformador, vai buscar temas nos textos repudiados pelo catolicismo, dando origem ao "lied" alemão. Além disso, Lutero cria um estilo musical religioso de formas mais restritas que o estilo católico, é o Coral protestante. Este é ainda utilizado até nossos dias nos ofícios religiosos dos protestantes.

O lied, porém, apesar de possuir origens religiosas, irá possuir um caráter profundamente profano, e terá como maior representante, Franz Schubert, que só aparecerá no século XIX.

No século XVII, o grande impulso é dado na música instrumental; surgem novas formas musicais, todas elas para serem executadas só por instrumentos: tocata, suite, sonata e concerto.

A Sonata é de origem italiana e deu origem ao Trio, ao Quarteto, e até mesmo ao Concerto. Seu nome é proveniente do verbo "sonare" (tocar) e deve ser executada por um ou dois instrumentos no máximo. Os dois nomes mais importantes ligados à origem da sonata são: Domenico Scarlatti e Corelli. Aquê, cravista napolitano, criador de sonatas, executadas até hoje por indivíduos que desejam dar mostra de habilidade interpretativa e Corelli, um violinista que lançou as formas definitivas da sonata: isto é, música dividida em três partes, sendo a primeira e a terceira, rápidas e na mesma tonalidade, e a segunda, lenta. Além disso, criando sonatas para violino e cravo, Corelli abriu caminho a uma nova forma musical: o Concerto, onde o instrumento solista é acompanhado, não pelo cravo, mas pela orquestra, isto é, um conjunto de instrumentos.

O compositor que apresentou o Concerto nas suas formas definitivas foi Antônio Vivaldi; na verdade, é ele um dos músicos mais importantes do século XVII.

Com o enriquecimento da música instrumental surge, no mesmo século XVII, o estilo barroco, cujo maior representante foi Haendel.

A escola barroca caracteriza-se pelo arranjo caprichado da instrumentação, sofisticado até; não há grande interesse em apresentar os sentimentos sim-

CONTRASTE

RENATO YAMADA

Ouçõ ao longe, paradisíaca melodia
Acordes sonoros de estranha sinfonia.

Suave brisa que meu corpo toca
Trazendo em seus braços lânguido perfume.

Magistral paisagem de inspiração divina
Os pássaros riscando o infinito azul.

Celestial moldura de rara beleza...

Dentro de mim, profundo silêncio

Grave quietude que domina
Busco algo talvez inatingível

Nem sei p'ra quê

Por quê

Muito menos, aonde.

Perdido sem rumo, nesta noite escura,
Minh'alma suplica.

Alguma coisa.

Disforme.

Descolorido.

Talvez sem vida.

Não consigo precisar.

Perseguindo, insanamente, o objeto procurado

Sinto que se aproxima, finalmente,

Desfazendo a escuridão

A angústia dissipando,

O esperado instante de poder retê-lo.

É agora!

Vislumbro que se aproxima...

Está bem próximo.

Os braços estendidos procuro agarrá-lo.

E seguro

E consegui trazer para bem próximo de mim

O vazio...

Decepção?

Acostumado ao sofrimento e às torturas

Foi antes, instante de frenético delírio

Pensar que desta vez encontraria

Algo, que se existe

Prever mais já não posso.

Abominável quadro de rara tristeza...

plesmente, mas sim de apresentá-los mascarados sob um arranjo elegante e minucioso dos instrumentos. É a música da corte dos reis, na sua generalidade, efeminada e pouco vibrante.

Simultaneamente a este movimento, aparece a transição para

o período clássico; esta transição está totalmente resumida na obra de um dos maiores gênios da música, Johan Sebastian Bach: a Itália cede seu lugar à Alemanha e nunca mais voltará a ocupá-lo como vinha fazendo até então.

Sem Liberdade não há Cultura

SHOW MEDICINA

Misto de risos e lágrimas

LINCOLN VALLADA

Dias 22 e 25 de outubro último, o Teatro da FMUSP teve suas dependências literalmente tomadas, com a sua lotação ultrapassada em dobro. E' que nestes dias foi apresentado o tradicional espetáculo do "Show Medicina" que atrai anualmente a atenção de um público constituído essencialmente de alunos da nossa Escola. Mas não se restringe a platéia apenas a alunos; professores, funcionários, médicos, amigos e parentes de alunos e mesmo gente estranha ao am-

biente universitário, mas que apreciam bons espetáculos, ajudam a superlotar o Teatro.

O "Show Medicina" foi idealizado e realizado pela primeira vez em 1946 pelo então acadêmico Dr. Flert Nebó e desde esta data nunca mais deixou de ser apresentado, completando este ano a sua 19.ª apresentação.

O "Show Medicina" é produzido, dirigido e apresentado única e exclusivamente por alunos da Faculdade e tem como base o humor fino e sadio

aliado a uma crítica construtiva a colegas, professores e funcionários da Escola.

Entretanto, uma das coisas mais fabulosas do "Show Medicina" não é conhecida da maioria: é o espírito de amizade e de unidade existentes entre todos aqueles que dele participam, tanto os "palhaços" que são aqueles que fazem o público desopilar o fígado, quanto a "elite" constituída pelos contra-regras, iluminadores, cenaristas, sonoplastas, enfim, toda a turma que fica atrás dos bastidores e que a platéia não vê, mas que são os grandes construtores do espetáculo.

Sendo uma espécie do "clube do Bolinha" onde "menina não entra", não existe vetetismo nem poção, pois todos são do Show e todos trabalham por ele.

Todos os quadros e piadas são apresentados nos ensaios, sendo julgados pela própria turma do Show que sugere modificações, acréscimos ou cortes, visando sempre uma melhoria, buscando sempre uma nova maneira de agradar mais.



Eles nos brindaram com seu último SHOW

A festa de confraternização no final do espetáculo, quase sempre uma chopada, é outra emoção que vive a turma do Show. O contentamento dos novos, a nostalgia dos que se despedem, dão uma sensação indescritível, um misto de alegria e tristeza, um misto de riso e lágrimas.

Este ano o "Show Medicina", dirigido pelo colega Herminio Lozano, mais que um grande "palhaço", dono do verdadeiro espírito do Show, teve o dom de agradar a todos quanto o assistiram, desde o quadro de abertura até o quadro final, apoteótico e emocionante, no qual participaram pela última vez no Show os novos doutores. Entremearam-se quadros

humorísticos, piadas, jograis, corais, números musicais, numa disposição e ordem tais que a todos satisfizessem plenamente.

Foi este ano também o Show pródigo em novos valores, recebendo uma plêiade de calouros que muito poderão fazer nos próximos anos, porque muito já fizeram em sua estréia.

No próximo ano, tere-mos, sob a direção do colega Antonio Drauzio Varella, o vigésimo espetáculo do "Show Medicina" e os quadros já começaram a ser "bolados", as piadas a serem guardadas e até lá, muita coisa boa será preparada para um "Show Medicina" sempre grande e cada vez maior.



Já antes de iniciar o SHOW todos riam

POR ÂNGULO NOTURNO

GEORGINO

As portas internas deixaram abertas. Fecharam as saídas. Que faço aqui neste corredor gelado? Sobra pouca claridade do luar, disfarçada à da única lâmpada acesa, na ala do ténis de mesa, que consegui acender. Aceitando a realidade, são 22,00 horas e deverei ficar até amanhecer. Como adormeci portanto tempo não sei e nem como me esqueceram; importa agora é aproveitar tudo o que sentir... talvez não passe por algo semelhante. Sim, que poderia sentir?... Médico! estragaria tudo, perderia a noção e, além do mais, é coisa ultrapassada. Melhor seria permanecer na sala do sono e divagar, entortando a filosofia dos bailes, das fo-

focas diurnas e diárias; poderia estender a memória ao mais da Faculdade. Também não! Sinto a primeira descarga de arrepião — Albino. Tanto mais próximo estaria de imaginá-lo se ficasse lá. É melhor subir e procurar sentidos vagos nos diversos departamentos. Sensações de tremor, de temor, de arrepios também dão prazer se souber dominar o ambiente...

Eis a Anatomia e seu cheiro penetrante. Pensando bem, isto é um túmulo. O único vivo sou eu. Será? Torna-se possível que também sou um deles... como provar agora o contrário? quem poderia esclarecer? Não! estes permanecem aqui todas as noites e não buscam emoções co-

mo faço agora. Estou indo longe demais. Não sinto nada... não inspira. Como não? devo aproveitar para escrever; neste ambiente, não necessitaria de artifícios. Outra vez não! Escrever seria para outro desfrutar disso tudo. Devo procurar viver este mundo diferente... sim, completamente transformado. Se subir mais um andar, verei galerias fúnebres. Esquisito! estar consciente no que penso e induzido no que faço; estou subindo antes de decidir; os degraus parecem mais frios e como se me convidassem a aceitá-los. Coisas do momento...

"Salve, mestra Histologia! relembra as noites de orgia, quando acordado eu dormia no bonde Vila Maria."

Na Micro foi sucesso:
"Lembremos sempre Lacaz:
A Micro não é cartaz,
nasceu em a natureza,
é Medicina, é beleza!"

... sempre que me aproximo desta ala, repito um trecho destas coisas — fala o sub-consciente. Aqui está mais claro. Realmente, entre o necrotério e o cemitério. Ninguém na rua... ou melhor, um casal andando agarrado pelo jardim. Se eu quebrasse um vidro... no fim sairia daqui. E para que? voltar ao meu inexpressivo e corriqueiro quarto. Que sinto agora? Não há como o sexo! estaria cercado de mulheres belas, nuas; ninguém nos incomodaria neste mundo abandonado. Nem estes velhos na parede. Bobagens! o sexo também é corriqueiro... e nada tem com uma Faculdade de Medicina à noite. Enfim, não tive culpa se pensei.

— E os defuntos? se me impressionassem, chegaria à alucinação e ouviria vozes. Que faria eu, se toda minha convicção material fôsse errônea e surgisse a prova aqui dentro? Pelo menos interessaria, ocorreu o que

ocorresse... (diriam que sou materialista). Fico apenas por aqui. Os corredores estão muito escuros e nada poderia ver. Com pouca luz, brilham mais os bigodes dos velhos. Estão satisfeitos porque suas cadeiras foram bem herdadas; manteve-se a linha dura da senilidade conservadora. Tomara que não sobre lugar para muitos quadros. Em último recurso, pretenderão esticar a galeria ao CAOC. Ah! imagino os anexos logo no primeiro dia... ninguém perdoa molduras lá em baixo... e ainda mais estas.

A Fisiologia não pára de uivar! isso dá sono. Pensei que resistiria por muito mais; parece difícil ver a Faculdade sob ângulos diversos — dão sempre no mesmo. Nada animador continuar acordado. Vou é dormir. Aonde? Num sofá do DF recordaria o tal harém. Se perco maiores emoções, que venham em sonho... ou em pesadelo, pouco importa.

CONGRESSO ESTADUAL DE ESTUDANTES
DIA 6 DE JANEIRO - SÃO PAULO